

A travessia do túnel-romance – uma metáfora

Joca Reiners Terron

1. Escrever um romance equivale a entrar num túnel de cinquenta metros e levar dois anos ou mais para atravessá-lo.
2. O túnel por fora, além de curto, é reto. No entanto, sua travessia é labiríntica, pois o romance dentro dele não tem a mesma forma externa do túnel.
3. Na verdade, o tempo dentro do túnel não é regido pelas leis de fora: nele, o tempo é o da ficção, algo que acontece paralelamente ao tempo levado pela travessia do lado externo.
4. Para atravessar o túnel, a escrita deve se submeter às regras internas da travessia, descobrindo que nem sempre A leva a B ou 2 é antecedido por 1; às vezes a saída é a entrada, e versa-vice.
5. Mergulhar no túnel é mergulhar no romance. Mas o romance pode ser em espiral, enquanto o túnel é uma linha reta: dentro, o túnel é regido pelo tempo do romance; fora, pelas horas do cotidiano.
6. Na metade da travessia descobre-se que o túnel passou a ser uma chaminé, e a ficção é pura fumaça, impalpável e ascendente, escapando entre os dedos. As horas do cotidiano levam ao fim das horas. Já o que acontece no tempo do túnel-romance é o entrelaçamento quântico.

7. Antes de entrar no túnel, imagina-se que ele é desabitado. Em sua travessia, porém, descobre-se que dentro dele há cidades, vozes, sonhos e encontros. Apenas dentro do túnel, pois o lado de fora continua reto e chato, um mundo regido pelas desoras do relógio.

8. As partículas do tempo externo e do túnel-romance se tocam e não podem mais ser descritas independentemente do estado das demais, inclusive quando as partículas estão separadas por uma grande distância.

9. Quando a reversão ocorre, o romance entra nos eixos, a ficção sobe nos trilhos; só então se avista a saída e invade o túnel uma maria-fumaça cheia de gente que leva a ficção adiante; é difícil explicar, mas nesse momento é o túnel que atravessa a maria-fumaça, não o contrário.

10. A saída do túnel tem luz: também é o fim do romance. O importante, no túnel-romance, é saber que a luz se encontra tanto no fim quanto no início, e no meio temos apenas o acaso ou o desastre do romance. Algo a ser evitado a todo custo.

[12 de março de 2024, sob efeito do analgésico Tramadol.] ■

Joca Reiners Terron (Cuiabá, 1968) fundou a editora Ciência do Acidente, pela qual publicou seu primeiro livro de poemas, *Eletroencefalodrama* (1998). A editora também lançou seu romance de estreia, *Não há nada lá* (2001, reeditado pela Companhia das Letras em 2011), e seu segundo livro de poemas, *Animal anônimo* (2002). Terron publicou os livros de contos *Hotel Hell* (Livros do Mal, 2003), *Curva de Rio Sujo* (Planeta, 2003; publicado em Portugal pela ASA editores, 2005), e *Sonho interrompido por guilhotina* (Casa da Palavra, 2006), além de *Guia de ruas sem saída*, novela gráfica ilustrada por André Ducci (Edith, 2012). Em 2010, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, pelo romance *Do fundo do poço se vê a lua* (Companhia das Letras, 2010; publicado em Portugal pela Teorema, 2016). Publicou *A tristeza extraordinária do leopardo-das-neves* (Companhia das Letras, 2013), *Noite dentro da noite* (Companhia das Letras, 2017), *A morte e o meteoro* (Todavia, 2019) e *O riso dos ratos* (Todavia, 2021), entre outros. Seu último romance, *Onde pastam os minotauros* (Todavia, 2023), recebeu o Prêmio APCA em 2023.